

Mundos do trabalho nas minas de carvão: uma experiência de integração entre História do Trabalho e ensino de História

*Worlds of Labor in Coal Mines: An Experience of Integration
between Labor History and History Teaching*

Clarice Gontarski Speranza*

Bruno Mandelli**

Alan Nunes Bica***

RESUMO

O artigo discute uma experiência de integração entre História do Trabalho e ensino de História desenvolvida no Rio Grande do Sul. O projeto envolveu um curso para professores da rede básica de ensino sobre o tema do trabalho nas minas de carvão. As discussões empreendidas no curso informaram a produção e publicação de um livro paradidático também destinado à rede pública de ensino. Com base na proposta e desenvolvimento do curso, na elaboração do livro e na avaliação dos resultados, este estudo explora como a abordagem do trabalho nas minas pode dialogar com o conceito de trabalho presente na BNCC, além de discutir as implicações dessa abordagem para a problemática da história local e do ensino de História.

Palavras-chave: Trabalho; Mineração; Educação.

ABSTRACT

The article discusses an experience of integration between Labor History and History teaching developed in Rio Grande do Sul. The project involved a course for teachers of the basic education about labor in coal mines. The discussions undertaken in the course informed the production and publication of a paradidactic book also intended for the public school system. Based on the proposal and development of the course, on the elaboration of the book and on the evaluation of the results, this study explores how the approach to work in the mines can dialogue with the concept of labor present in the BNCC, in addition to discussing the implications of local history and History teaching for this approach.

Keywords: Labor; Mining; Education.

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. clarice.speranza@gmail.com <orcid.org/0000-0002-9795-7823>

** Secretaria de Educação de Criciúma (SEDUC), Criciúma, Santa Catarina, Brasil. bruno.o.mandelli@gmail.com <orcid.org/0000-0003-3584-1806>

*** Prefeitura de Butiá/Secretaria Municipal de Educação, Butiá, Rio Grande do Sul, Brasil. professoralanbica@gmail.com <orcid.org/0009-0005-4560-3037>

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História tem se transformado de uma abordagem centrada em datas e eventos para um enfoque mais amplo e contextualizado, permitindo que os estudantes dialoguem com as representações do passado por meio de perspectivas sociais, culturais e econômicas. Nesse sentido, a história social do trabalho emerge como uma poderosa ferramenta para explorar as complexidades da experiência humana. O presente artigo explora os desafios e possibilidades da integração entre a História Social do Trabalho e a educação, mediante um estudo de caso: o projeto “O trabalho nas minas de carvão e a sala de aula”, composto por um curso e a posterior produção de um livro paradidático destinado à rede pública de ensino.

No contexto discutido, é relevante explorar como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda a categoria do trabalho e, posteriormente, suas implicações no âmbito da educação. A categoria trabalho, segundo a BNCC, é abrangente e abarca várias dimensões — filosófica, econômica, sociológica e histórica (BRASIL, 2017, p. 568). Ela pode ser compreendida como virtude, forma de produzir riqueza, de transformar a natureza, mercadoria ou como forma de alienação. Diversos autores também oferecem diferentes perspectivas sobre o conceito de trabalho, incluindo Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim, que o veem como valor, racionalidade capitalista ou elemento de interação na sociedade (BRASIL, 2017, p. 568).

Entretanto, notamos que o documento da BNCC tende a não priorizar uma abordagem histórica sobre o trabalho, focando-se mais em aspectos sociológicos. No entanto, entendemos que ressaltar a historicização da categoria pode ampliar a compreensão das mudanças ao longo do tempo e evitar a redução do trabalho à “utilização de novas tecnologias”. Essa abordagem simplificada desconsidera a complexidade do desenvolvimento histórico do trabalho e sua conexão com a evolução social e cultural. Além disso, aponta para uma premissa geral que valoriza a tecnologia, a produção, o individualismo e o consumo, na esteira da construção do capitalismo como “nova religiosidade” (BITTENCOURT, 2018, p. 143).

Ao relacionar o objeto do presente artigo com essa discussão, é possível notar que a abordagem sobre o trabalho no contexto das minas de carvão e da história local, como desenvolvido no projeto, pode proporcionar uma oportunidade valiosa de historicizar a categoria trabalho para além dos limites das perspectivas propostas pela BNCC. Se o trabalho pode ser entendido como a

transformação da matéria natural em cultura por meio da ação humana (SILVA, SILVA, 2009), ele não se restringe a mera atividade econômica, sendo também um componente vital da construção da cultura e da sociedade. A partir dessa abordagem, é possível ampliar a compreensão da categoria trabalho, indo além das definições sociológicas e econômicas presentes na BNCC.

E, ao integrar a história regional da mineração de carvão, pode-se ampliar o entendimento do trabalho como um fenômeno multifacetado que influenciou a formação de comunidades, identidades e relações sociais das comunidades mineiras no sul do Brasil. Através dessa lente histórica, o trabalho ganha profundidade, sendo compreendido não apenas como uma atividade utilitária, mas como um elemento fundamental da experiência humana e social. Além disso, ao expandir a discussão da categoria trabalho para incluir sua dimensão histórica, é possível a compreensão dos estudantes sobre como o trabalho tem evoluído ao longo do tempo e como suas múltiplas dimensões afetaram a sociedade e a cultura. Dessa forma, tal abordagem aumenta significativamente a consciência histórica, permitindo uma visão mais ampla e enriquecedora do mundo do trabalho e suas implicações. Afinal, é justamente a consciência histórica que “coloca em movimento a definição de identidade coletiva e pessoal, a memória e a imperiosidade de agir no mundo” (CERRI, 2011, p. 13).

Partimos de uma discussão inicial sobre a relação entre o que é preconizado pela BNCC e as perspectivas da História Social do Trabalho e, a seguir, abordamos os diversos desafios enfrentados pelo projeto, desenvolvido entre os anos 2021 e 2022 por uma equipe ligada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) junto à região carbonífera daquele estado. Discutimos a produção memorialística local e os diálogos com a comunidade, bem como o desenvolvimento do projeto, desde o curso para os professores e professoras até a produção do livro paradidático. Nossa intenção é, sobretudo, analisar criticamente essa experiência e avaliar seus resultados e possibilidades de implementação em outros municípios e regiões, com outros contextos socioeconômicos e culturais.

BNCC E O TRABALHO COMO CULTURA E IDENTIDADE

A abordagem desenvolvida no projeto sobre o trabalho nas minas e o ensino de História muitas vezes revisitou tensões com o conceito de trabalho

na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Enquanto a BNCC tende a enfatizar habilidades técnicas e preparação para o mercado de trabalho, a abordagem da História Social do Trabalho enfatiza as dimensões sociais, históricas e culturais do trabalho. Essa tensão levanta questões sobre a diversidade de abordagens pedagógicas no ensino de História e a necessidade de um diálogo mais amplo sobre o propósito da educação histórica.

Ao enfatizar habilidades técnicas e preparação para o mercado de trabalho, a BNCC sugere uma abordagem utilitária do trabalho, focando na empregabilidade e nas demandas econômicas contemporâneas. Em relação aos anos iniciais do Ensino Fundamental, observa-se que a categoria trabalho aparece na BNCC entre as unidades temáticas do 2º ano (“O trabalho e a sustentabilidade na comunidade”, relacionando seu impacto no ambiente), e do 3º ano (“A noção de espaço público e privado”, articulado à percepção das relações de trabalho do presente e do passado e suas tecnologias) (BNCC, 2017, p. 403-415). Em ambos momentos, não se percebe uma compreensão mais aprofundada da experiência do trabalho na sua perspectiva de formação identitária e cultural da comunidade.

Em contraste, desde os anos 1980, a História Social do Trabalho tem buscado ressaltar as dimensões sociais, históricas e culturais do trabalho, inserindo-o em contextos amplos de transformação sociopolítica e na construção de identidades. Neste sentido, a compreensão proposta por E.P. Thompson da cultura como “arena de elementos conflitivos” (1998, p. 17), na qual a consciência de classe pode se apresentar como uma das pressões capazes de conformar um sistema, torna imprescindível pensar a categoria trabalho como experiência cultural e identitária, como já expresso na sua célebre definição de classe,¹ que inspirou gerações de pesquisadores. Tal ênfase representou uma profunda mudança na disciplina, a partir dos anos 1980.

No Brasil, a estruturação desse campo de estudos passou pela própria organização do GT Mundos do Trabalho da Associação Nacional de História (ANPUH) há cerca de duas décadas, o que possibilitou um intercâmbio constante de pesquisas e projetos, bem como o alargamento dos objetos de estudos (FONTES, FORTES, MAYER, 2017). Esse alargamento resulta em uma riqueza de abordagens e influências, no sentido mencionado por Claudio Batalha, já no início dos anos 2000: “a história do trabalho tradicional preocupava-se essencialmente com os aspectos que unificavam os trabalhadores; sem aban-

donar essa dimensão essencial para a compreensão da ação classista, está cada vez mais atenta àquilo que os divide (origens étnicas, diferenças de ganhos e de status social, crenças, etc.)” (2006, p. 89).

A tensão entre essas perspectivas alargadas da pesquisa em História e a compreensão limitada da categoria trabalho, com predominância em seus aspectos econômicos e tecnológicos, pode ser compreendida no contexto da relação entre História acadêmica, ensino de História e as demandas educacionais contemporâneas no Brasil. Tal tensão evoca questionamentos cruciais. Enquanto educadores, como podemos balancear a necessidade de fornecer habilidades práticas para os alunos com a importância de cultivar sua compreensão crítica da sociedade e seu passado? Como a ênfase na empregabilidade e no domínio da tecnologia pode coexistir com uma educação que os capacita a analisar e questionar as estruturas sociais subjacentes?

A inclusão da perspectiva da História Social do Trabalho no ensino enfrenta essa tensão de maneira significativa. No caso do nosso projeto, ao conectar as memórias dos trabalhadores nas minas com os conceitos de trabalho presentes na BNCC, buscamos não apenas demonstrar a relevância do passado para a compreensão do presente, mas também abrir um diálogo sobre a diversidade de abordagens históricas e seus efeitos no currículo escolar. Ao explorar as histórias dos trabalhadores das minas e incorporar elementos culturais e sociais, nossa intenção foi ampliar a definição do que é trabalho, levando os alunos e alunas a refletirem sobre essa atividade que vai bem mais além do que meramente um meio de subsistência.

Pensar a Educação Histórica é refletir sobre o desenvolvimento da consciência histórica, o estímulo dos alunos e alunas a uma percepção crítica, contextualizada e informada teoricamente sobre a construção do passado. Conforme Barca, é essencial que professores e professoras se assumam como “investigadores sociais”: “[...] o foco desloca-se do ‘dar o programa’ interpretado pelo manual para ‘conhecer o mundo conceptual dos alunos’ e ajudá-los na aventura de aprender a pensar historicamente a partir dos temas históricos prescritos nos documentos curriculares” (BARCA, 2021, p. 66).

Neste sentido, buscamos uma abordagem que incentivasse a compreensão das dimensões éticas, sociais e políticas do trabalho, fomentando uma análise mais crítica das estruturas de poder e das desigualdades presentes na sociedade. Ao incorporar a História Social do Trabalho ao ensino de História,

buscou-se promover uma visão de educação histórica que transcendia assim a mera transmissão de informações, oferecendo aos alunos a oportunidade de se engajarem com o passado, desenvolvendo habilidades de análise crítica, pensamento reflexivo e empatia, bem como refletirem sobre a construção da identidade de sua comunidade.

O TRABALHO MINEIRO, AS PRODUÇÕES MEMORIALÍSTICAS E A HISTÓRIA LOCAL

O projeto de extensão “O trabalho nas minas de carvão e a sala de aula” nasceu a partir da ideia de produzir uma publicação paradidática que pudesse contribuir para o ensino da história local na rede municipal de ensino da cidade de Butiá (RS). Atualmente com cerca de 19 mil habitantes conforme o IBGE,² o município tem sua história marcada por ser um dos principais pontos de exploração do carvão mineral no Rio Grande do Sul no século XX. Embora hoje sua economia esteja principalmente alicerçada na silvicultura (em especial a plantação de eucaliptos), a memória fabril da exploração do carvão e de sua constituição como vila-fábrica pelas mineradoras está presente no cotidiano atual.

Tal memória se apresenta, porém, como um espaço de disputas. O passado das grandes mobilizações sindicais e do protagonismo de militantes do PCB e do PTB por vezes acaba dando lugar à reivindicação de proeminência de políticos locais ligados à cúpula administrativa das mineradoras e, por conseguinte, a uma narrativa que valoriza a importância econômica do carvão e as “benesses” das empresas à comunidade, invisibilizando os milhares de trabalhadores e trabalhadoras que atuaram na extração. Por outro lado, são abundantes os relatos orais, trazidos em especial pelos moradores mais idosos, sobre as duras condições de trabalho vivenciadas pelos mineiros, bem como a lembrança do grande número de acidentes que deixaram mortos ou feridos. Essa disputa sobre a memória – que é também uma disputa sobre a identidade da comunidade – se reflete na produção historiográfica local.

A partir dos anos 2000, houve uma crescente produção acadêmica historiográfica sobre o trabalho nas minas de carvão no Rio Grande do Sul (SILVA, 2007; KLOVAN, 2014; SPERANZA, 2014; MANDELLI, 2020; FREITAS, 2021; BICA, 2022; entre outros),³ refletindo a descoberta de novas fontes empíricas,⁴

o desenvolvimento da História Social do Trabalho como campo de investigação e também o interesse pelas experiências específicas dos mineiros de carvão no Brasil, até então pouco conhecidas na academia. Tais produções tendem a inserir as experiências dos mineiros de Butiá no contexto histórico mais amplo das disputas políticas, sindicais (e também jurídicas) do século XX no Brasil, bem como estabelecer ligações entre esses conflitos e trajetórias e aqueles vivenciados em outras vilas mineiras do Rio Grande do Sul (algumas praticamente contíguas, mas cuja existência recíproca é quase ignorada nas histórias locais) com as comunidades do vizinho estado de Santa Catarina, que se tornou líder nacional na exploração de carvão após a Segunda Guerra Mundial (MANDELLI, 2023).

Nesse sentido, a proposta da publicação paradidática destinada à rede municipal de ensino de Butiá partiu da ideia de incorporar essas novas pesquisas em História Social do Trabalho ao repertório tanto dos alunos e alunas, quanto dos professores e professoras da cidade. A intenção foi também valorizar o protagonismo dos trabalhadores e trabalhadoras comuns e anônimos do passado, incentivando a construção de uma consciência histórica crítica, porém respeitando as leituras memorialísticas locais.

A proposta pressupunha a valorização de novos protagonistas, como sindicatos, mulheres trabalhadoras e comunidade negra, ausentes nas histórias tradicionais até então hegemônicas na cidade. Porém, o projeto pretendeu se afastar de uma postura autoritária, de imposição da produção acadêmica sem compreender as demandas locais. Nesse sentido, buscou-se adotar uma abordagem dialógica e horizontal com a comunidade, em especial com os professores e professoras da rede de ensino, dando especial atenção à memória local.

São diversas as questões envolvendo a problemática da história local, desde a sua relação umbilical com o cotidiano e a identidade, bem como a tensão que se estabelece com a memória. Para Bittencourt, os conteúdos escolares relacionados à história local devem “procurar identificar a dinâmica do lugar, as transformações do espaço, e articular esse processo às relações externas, a outros ‘lugares’” (2008, p. 172). Dessa forma, compreendemos que a dimensão geográfica da história local pode ser pensada como pertencimento, mas também como diálogo com aquilo que é compreendido como o “exterior”, estando fora do “lugar”.

Cavalcanti propõe pensar numa “configuração local da história” na tenta-

tiva de superar as dificuldades de demarcação e limites do local e do “nacional” na história. A dimensão local da história guardaria suas especificidades e relativa autonomia, não sendo mero apêndice de uma história em “escala maior”. Porém, ressalta,

não podemos tampouco esperar que a dimensão local se constitua como uma história independente ou alheia ao que se passa em dada dimensão macro das relações de poder que constroem, historicamente, as experiências, como se não existissem, entre as dimensões local e nacional, pressões, abalos e ressonâncias. (2018, p. 287)

Diversos livros memorialísticos foram produzidos na região ao longo dos séculos XIX e XX, muitos deles por descendentes de mineiros. Na linha pautada por uma perspectiva voltada à exaltação de personalidades e vultos históricos (narrativa na qual predominam “heroicos lutadores” que teriam enfrentado adversidades para desenvolver a indústria carbonífera), aparece o livro do engenheiro inglês Eugênio Dahne (1893). Nele, o autor discorre sobre os primeiros passos da indústria carbonífera no RS, principalmente na segunda metade do século XIX, com citações a figuras apontadas como pioneiros, como o mineiro britânico James Johnson (que abriu os primeiros poços para fins de exploração comercial), bem como os aspectos adversos do contexto da época para a estruturação do processo produtivo do carvão mineral e os supostos esforços de superação dos personagens.

Outra obra relevante foi aquela produzida pelo médico e interventor de São Jerônimo (município ao qual estava ligada a então vila de Butiá), Carlos Alfredo Simch, que escreveu duas versões diferentes de uma extensa *Monografia do município de São Jerônimo*, em 1943 e em 1961 (SIMCH, 1943 e SIMCH, 1961). Na tradição das monografias locais, seu livro apresenta inúmeras características da região, desde história, política, economia, geografia, dentre outras, englobando os então distritos de Arroio dos Ratos, Butiá, Minas do Leão e Charqueadas. Na edição mais antiga, dos anos 1940, chama atenção a descrição sobre as péssimas condições de saúde dos trabalhadores mineiros, aspecto que Simch conhecia bem por sua atuação como médico local.

Embora não muito acessíveis ao público nos dias de hoje (restam poucas edições da obra), as obras de Dahne e Simch, foram amplamente utilizadas ao longo dos anos em diversas outras publicações memorialísticas locais. Uma

delas, certamente a publicação mais lembrada ainda hoje sobre a história do município, é o livro *Butiá em busca de sua história*, publicado pela professora Gertrudes Novak Hoff (1992). Filha de imigrantes alemães e integrante de uma família com atuação política destacada na cidade, Gertrudes (conhecida popularmente como “dona Truda”), fez um rico levantamento sobre temas diversos, desde a descoberta do carvão, os grupos empresariais locais, as minas e poços, figuras políticas importantes, clima, vegetação e relevo. Seu livro, com 280 páginas, traz inclusive reproduções de documentos das empresas mineradoras.⁵

Na obra de Hoff, a autora valoriza personagens cotidianos e “mitos de origem” do carvão, como a narrativa acerca de um anônimo soldado português, que teria sido um dos primeiros a encontrar o mineral nas terras da região, conhecida como “Curral Alto”. Por outro lado, a classe trabalhadora das minas (ou seja, a maior parte da população) é retratada com pouquíssimas singularidades e diferenciações, quase como uma massa amorfa e homogênea, liderada por “homens singulares e destacados”, em geral, os dirigentes das mineradoras. Assim, ao lado do já citado Johnson, merecem destaque personagens como Nicácio Machado (boticário que teria aberto um poço de carvão na vila de Butiá em 1905), Roberto Cardoso (diretor do Consórcio Administrador de Empresas de Mineração – CADEM nos anos 1930 e 1940) e diversos engenheiros da empresa. Importante mencionar, porém, que a publicação traz um perfil do líder comunista local, Procópio Farinha, ligado aos ferroviários.

Nessas produções, assim como alguns elementos e nomes são continuamente destacados, outros são ignorados. Um esquecimento onipresente em todas essas obras é a importância da comunidade negra na formação da mão de obra das minas de carvão, bem como os locais de associativismo negro, como clubes de lazer e de futebol. Não há referências a entidades como a Sociedade Recreativa Ouro Preto, local de sociabilidade da comunidade negra butiaense desde os anos 1940. A obra de Hoff, por outro lado, destaca outra entidade, o Clube Butiá, constituído também nessa mesma década, e frequentado por engenheiros (e alguns trabalhadores) brancos. Essa associação recebe grande destaque, com inúmeras referências a sua estruturação, apresentação de fotos e registros documentais, além de menção a figuras consideradas de destaque.

Dada a concentração de milhares de operários e suas famílias na região carbonífera do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, essa era vista como de grande relevância política para o PCB nos anos 1950 e 1960. O partido promo-

veu a ida de militantes e de artistas comunistas ao local – como o gravurista Danúbio Gonçalves e o poeta Heitor Saldanha –, a fim de ajudar na organização social e retratar os trabalhadores. Alguns livros memorialísticos de militantes do PCB (pouco difundidos atualmente nas cidades carboníferas) enfocam o cotidiano dos trabalhadores mineiros no período, as greves e os embates sindicais – em especial com os militantes petebistas que, ao menos no Rio Grande do Sul, eram bastante expressivos. Tais publicações são importantes ao expor uma memória diversa daquela construída e reforçada na história “oficial” local. Dois exemplos relevantes são os livros escrito por Joaquim Celso de Lima (1984), que atuou como mineiro e militante do PCB nos anos 1950; e por Neli Saldanha (1996), escrito pela esposa de Ary Saldanha, que foi diretor e redator do jornal mineiro O Lampião.

EM DIÁLOGO COM A COMUNIDADE

Como primeira etapa do projeto, foi decidido que seria ministrado um curso sobre o trabalho nas minas de carvão e seus protagonistas, aberto ao público em geral, mas orientado sobretudo aos professores e professoras da região carbonífera do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A intenção era menos divulgar as novas investigações em história do trabalho na região (embora esse também fosse um objetivo), mas sobretudo ouvir e compreender quais as demandas específicas de professores e professoras em relação ao ensino da história do trabalho em âmbito local.

Assim, o curso proposto teve como objetivo explorar os diferentes aspectos da vida e do trabalho nas minas, abrangendo desde as condições laborais até as relações sociais e econômicas que moldaram essa realidade. Por meio de aulas teóricas, discussões em grupo e construção de atividades didáticas, os alunos foram incentivados a analisar criticamente as múltiplas dimensões do trabalho nas minas e sua influência na formação das comunidades e identidades locais.

A iniciativa, inteiramente gratuita, propôs uma certificação de 30 horas para os participantes. O curso de extensão foi ministrado de forma online nos sábados pela manhã, entre maio e julho de 2021 (ainda durante o período de isolamento social relacionado à pandemia da Covid-19), com promoção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O objetivo geral era

apresentar e colocar em discussão, para um público preferencial de professores e professoras da rede básica de ensino da região carbonífera, as investigações a respeito do trabalho das minas de carvão e possibilidades de abordagem do tema em sala de aula. Os objetivos específicos eram: promover o incremento da relação entre universidade e escola; estimular a construção de saberes locais em diálogo com a produção científica; promover o aperfeiçoamento dos docentes da rede básica de ensino a partir do debate de estratégias e possibilidades didáticas; divulgar o conhecimento científico; e, por fim produzir material paradidático destinado a rede escolar em diálogo com os professores.

A equipe de trabalho foi formada por duas professoras do Departamento de História e uma do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação, ambos da UFRGS, além de um mestrando do ProfHistória (UFRGS) e professor da rede municipal de Butiá, um doutorando do PPG em História (UFRGS), duas professoras da rede básica de ensino de Lajeado (ambas doutoras em História, pesquisadoras do trabalho e integrantes do Grupo de Pesquisa CNPq Trabalho Resistência Cultura - Trescult).⁶ O projeto ainda contou com uma bolsista de extensão remunerada e um bolsista voluntário, ambos estudantes de graduação em História da UFRGS.⁷ Também houve a participação de dirigentes de arquivos documentais relacionados às minas de carvão, como Jordana Bortolotti, diretora do Museu Estadual do Carvão de Arroio dos Ratos.

A programação do curso foi composta de 12 aulas, sendo sete encontros semanais online síncronos. Nas aulas síncronas, foram abordados os seguintes temas: patrimônio e história, história da mineração de carvão no mundo e no Brasil; homens e mulheres no trabalho das minas; acidentes de trabalho e insalubridade; formação étnica e racial das minas; lutas sindicais e greves. Os encontros síncronos foram encadeados com cinco aulas assíncronas que versavam sobre patrimônio e história; memória e história oral; fotografias como fonte histórica e recurso didático; documentos escritos e produção de material didático; acervos sobre a mineração de carvão e suas possibilidades didáticas. Todas as aulas foram apoiadas em bibliografia específica e contaram com a plataforma Moodle da UFRGS como instrumento de apoio.

O curso foi muito bem recebido, contando com a adesão de professores e professoras da rede básica de ensino, em especial da região carbonífera não apenas do Rio Grande do Sul e também de Santa Catarina, mas também com

estudantes de graduação em História. No total, foram 45 inscritos. Constatou-se que os educadores, habitantes da região, eram portadores de referências culturais locais, possuíam demandas específicas e eram ativos social e culturalmente no contexto desses municípios. Nesse sentido, conviviam com antigos mineiros ou seus descendentes e conhecidos. Muitos relataram, porém, um desconhecimento das novas gerações de alunos e alunas sobre os trabalhadores mineiros do passado e a relevância política e social de seus municípios. Podemos inclusive falar de uma “memória subterrânea” (no sentido proposto por POLLAK, 1989) relacionada às lutas sindicais, obscurecida pelas narrativas envolvendo figuras consideradas ilustres da região, em geral ligadas às cúpulas administrativas das mineradoras.

Portanto, a construção do conhecimento em conjunto com a comunidade se conformou como um direito de conhecimento ao próprio passado. Através de atividades assíncronas, os participantes foram estimulados a desenvolver estratégias de ensino e reflexões sobre possibilidades didáticas e planos de aula, que trouxessem à baila o cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras nas minas e em outros locais, o drama dos acidentes e das condições do ofício. Para isso foram utilizados, além de fóruns de discussão no Moodle, um mural interativo online, no aplicativo Padlet.

As propostas desenvolvidas pelos participantes do curso relacionaram diferentes fontes históricas com os tópicos abordados: relatos de insalubridade contidos em jornais foram utilizados para gerar reflexões sobre a nova BNCC; o uso de imagens no ensino de História possibilitou pensar em questões de gênero presentes em fotografias; processos trabalhistas contribuíram para tratar de acidentes de trabalho nas minas; a História Oral como possibilidade de discutir temas como memórias e questões raciais; e a patrimonialização de lugares de memória dos municípios.

Além disso, o curso abordou uma variedade de temas, incluindo as condições de trabalho nas minas ao longo do tempo, as lutas sindicais, os acidentes e as doenças do trabalho, as relações de gênero e raça no ambiente de trabalho, bem como as transformações socioeconômicas resultantes da atividade mineradora. Através dessa abordagem interdisciplinar, os alunos e alunas foram incentivados a compreender o trabalho nas minas não apenas como uma atividade econômica, mas como um fenômeno intrinsecamente ligado às dinâmicas sociais e políticas dos agentes.

NOVOS SUJEITOS E ESPAÇOS NA HISTÓRIA LOCAL

Finalizada a etapa do curso de extensão, as discussões realizadas serviram de base para a produção da publicação paradidática, em parceria com a Secretaria de Educação do município de Butiá. Nesse sentido, iniciou-se uma nova dinâmica, desta vez com reuniões (online e presenciais) dirigidas a professores e professoras da rede municipal de Butiá, que se voluntariaram a participar do projeto como colaboradores.

O planejamento dos temas e das dinâmicas a serem abordadas na publicação foi discutido nesses encontros e só passou a ser executado pela equipe de docentes e alunos da graduação após aprovado pelo corpo de professores e professoras da rede. Quando finalizados, os textos produzidos passavam novamente pelo crivo desses educadores, que os criticavam e sugeriam modificações. Temas e atividades foram incluídos na publicação a partir da interlocução promovida nesses encontros e também como resultado da participação da comunidade no projeto.

Um exemplo foi a atividade proposta pela professora Morgani Costa da Silva, da rede pública municipal de Ensino, sobre a Sociedade Ouro Preto. Esse espaço de sociabilidade de mineiros negros, fundado na então vila de Butiá em 1944, foi o tema de um dos capítulos da publicação, em texto produzido pela mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Luana de Lima da Silva, convidada a participar do projeto a partir de sua investigação sobre o mesmo tema. Na atividade elaborada posteriormente pela professora Morgani, os alunos e alunas são desafiados a discutir por que “entre pessoas negras, e entre movimentos sociais da negritude é tão presente a palavra ‘resistência’”, e também que resistência seria essa: “resistir ao que ou a quem?”

Outro exemplo de atividade foi a intervenção pedagógica proposta pelo professor Marcelo Gastoni Peretti, também da rede pública municipal de Ensino, em diálogo com o capítulo escrito sobre as condições de trabalho nas minas de carvão de autoria de Clarice Speranza. Visando estabelecer uma reflexão sobre a precariedade e insalubridade dos trabalhadores em meio ao subsolo carbonífero, a atividade destaca uma composição musical intitulada “Sorto”, presente no VIII Festival Coxilha, realizado em 1997 na cidade de Butiá. Essa relação entre a referida produção artística e a reflexão proposta no

texto do capítulo amplia as possibilidades de trabalho em sala de aula, permitindo inclusive uma transversalidade, pela qual conceitos de outras disciplinas do currículo escolar, como Literatura e Língua Portuguesa, podem ser abarcados e trazidos para o cenário pedagógico.

Também cabe referência a atividade pedagógica produzida pela também professora da rede pública municipal Zilane Espinosa, criada como conteúdo relacionado ao capítulo escrito pela pesquisadora Tassiane Freitas sobre o futebol em Butiá (autora de tese de doutorado recente sobre o tema). Na atividade proposta pela professora, é feita referência ao ex-jogador do Clube Internacional, Sérgio Galocha, já falecido, considerado uma grande representação do futebol butiaense. Ao destacar essa personalidade desportiva, a atividade destaca novamente a comunidade negra, haja vista que Galocha é fruto e personagem desse segmento da sociedade butiaense. Ao mesmo tempo, dialoga com a tese de doutorado de Freitas, em que é demonstrando como se deu o protagonismo negro no futebol e em outros espaços sociais da Região Carbonífera do Rio Grande do Sul.

No total, a publicação foi concluída com oito capítulos de texto e mais oito propostas de atividades didáticas, cada uma delas relacionadas aos temas tratados. Foram abordados a mineração de carvão no mundo e no Brasil; o trabalho nas minas e sua relação com o surgimento de Butiá como vila-fábrica; a rotina diária do ofício de mineiro; as mulheres trabalhadoras; sindicatos, greves e movimento operário; patrimônios de Butiá; o associativismo negro por meio da Sociedade Ouro Preto e o futebol operário em Butiá. Nas propostas de atividades, foram disponibilizadas fontes empíricas como trechos de documentos jurídicos e reportagens jornalísticas, fotografias de época, poesias sobre o ofício mineiro e reproduções de gravuras e pinturas do artista plástico Danúbio Gonçalves (que retratou o cotidiano das minas de Butiá nos anos 1950). Como material adicional, a publicação deu acesso (por meio de QRCode) a um podcast que tinha como tema a preservação do acervo documental das minas de carvão através do esforço da comunidade, bem como sugestão de leitura de pesquisas acadêmicas recentes relacionadas à história do trabalho nas minas.

O livro *Histórias e Memórias de Butiá*, com 104 páginas, foi publicado pela Secretaria Municipal de Educação de Butiá, sendo distribuído gratuitamente para todas as 15 escolas públicas e particulares do município. A publi-

cação foi disponibilizada na rede pública local como um recurso didático que vai além do registro histórico convencional. Ao trazer narrativas pessoais e análises aprofundadas, o livro convida os alunos a se engajarem emocionalmente com o tema e a considerarem como o passado influencia o presente.

Ao incorporar uma abordagem da História Social do Trabalho, a publicação destacou as experiências muitas vezes silenciadas dos trabalhadores das minas, das mulheres trabalhadoras, da comunidade negra. Por meio de relatos, documentos e análises críticas, o livro explorou as condições de trabalho, os desafios enfrentados e as lutas por direitos trabalhistas, e permitiu compreender o patrimônio edificado relacionado ao trabalho e o lazer operário como espaços culturais e históricos.

Ao mesmo tempo, esse material paradidático abre caminho para novas reflexões que surjam no horizonte. Por exemplo, uma representação da Secretaria de Educação em conversa realizada em podcast da Prefeitura de Butiá após a publicação do livro, mencionou que ele não abordava a questão da infância, desejando colaborar sobre o tema em publicações posteriores. Da mesma forma, menções a não abordagem de questões sobre a história da educação especial, ou mesmo da educação em geral no município, bem como as transformações pelas quais passou essa sociedade a partir da segunda metade do século XX, foram apresentadas e indicadas para futuros debates. De todo modo, o livro não visava abordar uma história política do município, mas sim estabelecer novas perspectivas sobre o protagonismo de trabalhadores e trabalhadoras na história local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desse curso e da publicação do livro destaca o potencial da História Social do Trabalho como uma ferramenta pedagógica poderosa. Através da exploração do trabalho nas minas, os alunos e alunas não apenas ampliaram seu entendimento sobre o passado, mas também desenvolveram habilidades críticas e reflexivas essenciais para compreender o mundo contemporâneo. O desenvolvimento dessas competências pôde ser observado entre os graduandos de História que auxiliaram na organização do curso de extensão e também assistiram às aulas, em conjunto com professores e professoras da rede local. Por outro lado, o mesmo objetivo é o que se pretende jun-

to aos estudantes do Ensino Fundamental de Butiá que passaram a utilizar a publicação paradidática nas salas de aula. No entanto, não podemos ignorar que essa abordagem também aponta para desafios em harmonizar abordagens pedagógicas com os requisitos curriculares, destacando a importância de um diálogo contínuo entre educadores, pesquisadores e formuladores de políticas educacionais.

Do ponto de vista do ensino de História local, o desenvolvimento do livro *Histórias e Memórias de Butiá* representa um avanço na narrativa histórica, ao incorporar o trabalho nas minas e seus sujeitos como protagonistas. Através da intersecção entre a História Social do Trabalho e a Educação, a publicação buscou trazer à luz as experiências do trabalho, enriquecendo a compreensão da sociedade e do cotidiano das minas de carvão do sul do Brasil, bem como estimulando a reflexão sobre as relações entre memória, educação e cidadania.

Em última análise, a abordagem desse livro paradidático sugere que a história do trabalho não é apenas um objeto de pesquisa acadêmico, mas um processo vital de construção de identidade, de compreensão do passado e de suas conexões com o presente para a formação de uma consciência histórica. Dessa forma, conectar narrativas de trabalho ao ambiente educacional abre caminhos para uma visão mais holística e abrangente da história, uma visão central para a formação dos cidadãos críticos que se apropriem da história como parte do seu passado, do seu presente e de um futuro mais justo e democrático.

Essas habilidades não apenas enriquecem sua compreensão da história, mas também os capacitam a enfrentar os desafios sociais e políticos do mundo contemporâneo. Portanto, ao navegar por essa tensão entre as abordagens pedagógicas na BNCC e na história do trabalho, o curso e o livro exercitaram um espaço de diálogo fundamental, que envolve educadores, estudantes e formuladores de políticas educacionais na busca por uma educação histórica que seja, ao mesmo tempo, relevante para as demandas do mundo moderno e fiel à complexidade e riqueza da experiência humana ao longo do tempo.

Além disso, ao incorporar essa perspectiva no ensino, o livro tem em vista criar uma conexão direta com a vida dos alunos e alunas, mostrando a relevância do passado para o entendimento do presente. Ao conectar as memórias dos trabalhadores com os temas atuais de educação, o livro abre espaço para discussões sobre a diversidade de abordagens históricas e suas implicações no currículo escolar.

Finalizamos o presente artigo com as palavras que usamos na introdução do livro paradidático: “a proposta deste livro é partilhar”.

Partilhar um pouco das histórias de tantos homens e tantas mulheres que construíram a cidade de Butiá. Partilhar suas lutas, seu cotidiano, falar de seus sonhos, de seus dramas.

Partilhar também o resultado das pesquisas de tantos historiadores que se empenharam em descobrir e contar as suas histórias. Partilhar as experiências dos professores e professoras que leram as suas histórias e discutiram as melhores formas de contá-las. Partilhar os relatos dos alunos e das alunas e de seus familiares que possam enriquecer mais e mais este livro. (...)

Este livro é um ponto de partida para que você também possa se encorajar a ler, pesquisar, contar e valorizar as histórias de Butiá. Ele é seu. (BICA, SPERANZA, 2023, p. 9-10)

Assim, buscando inserir o conhecimento histórico numa relação de partilha, pertencimento e apropriação, a iniciativa pretendeu inserir os trabalhadores e trabalhadoras como sujeitos no universo escolar.

REFERÊNCIAS

- BARCA, Isabel. Educação Histórica: desafios epistemológicos para o ensino e a aprendizagem de História. In: ALVES, Luis Alberto Marques; GAGO, Marília. *Diálogo(s), Epistemologia(s) e Educação Histórica: um primeiro olhar*. Porto: CI-TCM, 2021, p. 59-70.
- BARCA, Isabel. A educação histórica numa sociedade aberta. *Currículo sem Fronteiras*, v.7, n.1, p. 5-9, jan/jun 2007.
- BATALHA, Claudio. Os desafios atuais da história do trabalho. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.87-104, jan./dez. 2006.
- BICA, Alan N. *Sociedade carbonífera, ensino de história e educação patrimonial: memória e esquecimento na compreensão das relações de classe, gênero e raça na cidade de Butiá (RS) no período entre 1936 e 1964, através da construção de maquetes por alunos dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental*. Dissertação (Mestrado Profissional em História), PPG UFRGS, 2022.
- BICA, Alan N.; SPERANZA, Clarice G. (org.) *Histórias e memórias de Butiá*. Porto Alegre: Documenta: Secretaria Municipal de Educação de Butiá, 2023.

- BITTENCOURT, Circe. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BITTENCOURT, Circe. Reflexões sobre o ensino de história. *Estudos Avançados*. v. 32, n. 93, p. 127-149, 2018.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: MEC, 2017b. Disponível em: Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> Acesso em: 17 de agosto de 2023.
- CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. *Revista História Hoje*, vol. 7, nº 13, p. 272-292, 2018.
- CERRI, Luis Fernando. *Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- CIOCCARI, Marta. *Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra numa comunidade de mineiros de carvão*. Tese de doutorado em Antropologia – PPGAS Museu Nacional (RJ), 2010.
- DAHNE, E.S. Eugenio. *A mineração de carvão e as concessões da Companhia no estado do Rio Grande do Sul – Brasil*. Porto Alegre: Estabelecimento Telegráfico de Gundlach, 1893.
- ECKERT, Cornelia. *Os homens da mina – um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS*. Dissertação de mestrado – UFRGS/IFCH/PPG em Antropologia, Sociologia e Ciência Política, Porto Alegre, 1985.
- FONTES, Paulo; FORTES, Alexandre; MAYER, David. Brazilian Labour History in Global Context: Some Introductory Notes. *International Review of Social History*, v. 62, Special Issue, pp. 1 - 22, 2017.
- FREITAS, Tassiane Melo de. *De complexo carbonífero a museu: o processo de patrimonialização dos remanescentes do antigo complexo carbonífero de Arroio dos Ratos, Rio Grande do Sul, Brasil (1983 – 1994)*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPel), 2015.
- FREITAS, Tassiane Melo de. *Das minas de carvão para os clubes de futebol e sociedades recreativas: experiência de classe entre o operariado da indústria carbonífera do Rio Grande do Sul (1930-1950)*. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa, Santa Maria, 2021.
- HOFF, Gertrudes Novak. *Butiá em busca de sua história*. Arroio dos Ratos: PBS, 1992.
- KLOVAN, Felipe F. *Sob o fardo do ouro negro: as experiências de exploração e resistência dos mineiros de carvão do Rio Grande do Sul na década de 1930*. Dissertação (Mestrado em História), PPG UFRGS, 2014.

- LIMA, Joaquim Celso de. *Navegar é preciso: memórias de um operário comunista*. São Paulo: Diniz, 1984.
- MANDELLI, Bruno. *Das minas de carvão para a Justiça – as lutas dos mineiros acidentados de Criciúma (SC)*. Jundiá: Paco, 2020.
- MANDELLI, Bruno. *Greves, repressão e resistência: uma história comparada dos mineiros de carvão no sul do Brasil (1945-1964)*. Tese (Doutorado em História) – PPPG em História UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989.
- SALDANHA, Neli. *No melhor dos tempos e nas tempestades: um homem de luta na trilha do socialismo*. Caxias do Sul: Eva Eberhardt, 1996.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Braga. Pesquisas em Educação Histórica: algumas experiências. *Educar*. Curitiba, especial, p.11-30, 2006.
- SIMCH, Carlos Alfredo. *Monografia do município de São Jerônimo*. Porto Alegre: Livraria Andradas, 1943.
- SIMCH, Carlos Alfredo. *Monografia do município de São Jerônimo*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1961.
- SILVA, Cristina Ennes da. *Nas profundezas da terra: um estudo sobre a região carbonífera do Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado – PPG em História, PUCRS, 2007.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SPERANZA, Clarice Gontarski. *Cavando direitos: as leis trabalhistas e os conflitos entre os mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954)*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2014.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- WITKOWSKI, Alexsandro. *Da luz no fim do túnel ao Arquivo Histórico do Museu Estadual do Carvão: o acervo documental da mineração na região carbonífera do baixo Jacuí, RS (2009-2016)*. Dissertação de mestrado – PPG em Museologia e Patrimônio, UFRGS, 2019.

NOTAS

¹ “Para dizê-lo com todas as letras: as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós, e no curso de tal processo de luta, descobrem-se a si mesmos como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta de sua consciência de classe.” (THOMPSON, 2001, p. 274).

² Estimativa para 2022. Portal Cidades@IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/butia.html>. Acesso em: 09/08/2023.

³ O interesse dos historiadores foi precedido e dialogou com importantes estudos no campo da antropologia, como ECKERT, 1985; CIOCCARI, 2010, que trouxeram relevantes discussões acerca da memória do trabalho mineiro.

⁴ Em especial o vasto acervo de processos trabalhistas do Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul e também a constituição do Arquivo Histórico da Mineração do Museu Estadual do Carvão, com a documentação produzida ou coletada pelas empresas mineradoras entre 1889 e 1996. Sobre o Arquivo Histórico da Mineração, ver FREITAS, 2015 e WITKOWSKI, 2019.

⁵ Poucos anos depois do lançamento da publicação, praticamente toda a documentação foi transferida para um antigo engenho de propriedade da professora, diante da ameaça das companhias de incinerarem o material. Essa iniciativa permitiu a constituição, anos depois, do já mencionado Arquivo Histórico da Mineração (FREITAS, 2015).

⁶ Respectivamente: Clarice Speranza, Cássia Macedo da Silveira, Melina Perussatto, Alan Nunes Bica, Bruno Mandelli, MicaeleScheer, Tamires Xavier Soares.

⁷ Lizandra Roman e André Marchi Becker, ambos atualmente graduados em História.